

POSFÁCIO

Lendo críticos, criticamente

WILMAR DA ROCHA D'ANGELIS
UNICAMP

a diversidade brasileira ainda é inviabilizada por um sistema que não contempla diferentes sujeitos atuantes e seus saberes tradicionais como possibilidade para outros caminhos pedagógicos

Rodriana D. C. Costa

O título deste livro sintetiza bem os três eixos em que circulam as contribuições reunidas em seus 13 capítulos: *Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente*.

Cinco são os capítulos que refletem questões relacionadas à *formação de indígenas em ensino superior*, sendo que dois deles tratam diretamente de experiências de Licenciaturas Interculturais da UFMG e da UFG (Cap. 4 e 6), um reflete sobre o caráter inclusivo (ou não) de uma grande universidade que recebe alunos indígenas em graduação e pós-graduação (Cap. 1), um capítulo discute aspectos da formação linguística (Cap. 8) e, finalmente, um deles aborda o caso particular de uma discente no processo de escrita de seu

trabalho final de curso, circunstância que funciona como gatilho para reflexões acerca dos sentidos possíveis de “letramento” (Cap. 7). Três dos capítulos tratam de aspectos do *funcionamento da escola indígena*, do Projeto Político Pedagógico (Cap. 3) a materiais didáticos lúdicos (Cap. 2), passando pelo Currículo (Cap. 5). Finalmente, cinco capítulos dedicam-se a *estudos de caso de práticas de letramento*, seja de pessoas encarceradas (Cap. 9 e 10), seja de comunidades em luta (Cap. 11), seja com comunidades ciganas (Cap. 12) ou quilombolas (Cap. 13).

Na ordem dos eixos anunciados no título da obra, distingui: *Educação intercultural*, os capítulos 1, 2, 3, 5 e 7; *Letramentos de resistência*, os capítulos 9 a 13; *Formação docente*, os capítulos 4, 6 e 8. Essa é, na verdade, uma classificação que busca um “eixo central” em cada capítulo, mas as temáticas do letramento e da resistência parecem dificilmente separáveis de qualquer dos capítulos, embora em alguns elas sejam temáticas enfaticamente colocadas, e em outros possam receber menos destaque ou, mesmo, ser apenas subjacentes ao enfoque em discussão.

O quarto eixo que estrutura o livro são as abordagens de Linguística Aplicada Crítica, ou em franco diálogo com elas.

Como editor – que também sou, algumas vezes – eu o vejo como um livro “de autores”. Significa que, embora tenha uma unidade projetada por seus organizadores (a dos eixos acima mencionados), cada capítulo é como uma grande tela em branco entregue a cada autor/a, que a preencheu segundo os ditames do seu estilo, dos seus focos de interesse e de seu maior ou menor domínio do debate em que sua reflexão se insere. A experiência e o acúmulo de reflexão de cada autor/a revela-se, na leitura, bastante variada; uma afirmação que parece óbvia para qualquer obra coletiva, mas que aqui pretende destacar disparidades que o leitor reconhece, passando de um capítulo a outro. Justamente isso, porém, revela

um exercício acadêmico legítimo – embora, nem sempre valorizado em nosso meio – e profundamente democrático, em que se articulam e se colocam, lado a lado, como colegas e interlocutores, docentes experimentados e jovens pesquisadores há pouco formados, ou ainda em formação.

Com décadas de convivência e trabalho com comunidades indígenas – como indigenista, agente educador, linguista – observo, em alguns textos, que a crítica ao *pensamento hegemônico*, o questionamento aos *discursos da cultura dominante*, a postura *decolonial* frente ao que se entende por conhecimento, eventualmente não exige o seu praticante de se manter fiel a concepções próprias da ideologia a que busca contrapor-se. Refiro-me à dificuldade de enxergar os *contínuos*, os *tons de cinza*, e com isso, escapar da dicotômica versão branco-e-preto do mundo, ainda que, sendo *críticos*, atribuam valores invertidos para o *branco* e para o *preto*.

Negar o pensamento hegemônico e posicionar-se em campo “contrário” é um primeiro passo importante, pelo qual têm que passar todos os que, um dia, chegam a compreender o funcionamento básico de uma sociedade hierarquizada, na qual se podem reconhecer opressores e oprimidos. Mas não basta trocar os sinais de lugar. O que me lembra de um registro de Paulo Freire, sobre o processo de discussão da reforma agrária no Chile, quando um sem-terra, inquirido sobre o que ele esperava em um futuro no qual tivesse sua própria terra, o homem descreveu um cenário no qual ele seria um *estancieiro*, e teria peões empregados no trabalho de sua fazenda. Vejo, pois, como indigenista, que ainda falta, a alguns críticos, uma prudente postura também crítica com respeito ao próprio pensamento indígena.

Vivemos um momento grave na sociedade brasileira e, nesse contexto, o pensamento crítico é, ao mesmo tempo, o mais ameaçado e o mais necessário. Por isso mesmo é preciso não esquecer

que o pensamento de direita ganhou a dimensão a que chegou, no bojo de discursos superficialmente críticos que, aos poucos, construíram a legitimação da ideia de que *a convicção* pessoal é suficiente para afirmar uma “verdade”, e o que importa é o *sentimento pessoal* acerca da realidade, não existindo algo que se possa provar como “verdadeiro”. Nesse contexto, os realmente *críticos* têm duas tarefas, pelo menos: (a) não serem críticos pela metade, mas serem críticos também consigo mesmos e com aquelas posições que, a uma primeira visada, se apresentam como *decoloniais*; (b) não produzir textos acadêmicos que se restrinjam a emitir julgamentos ou o *sentimento* dos fatos, mas fundamentar sua crítica em elementos de robusta objetividade (ou *objetivação*, para ser mais rigoroso). Em outras palavras: é preciso enunciar nossas análises com tal clareza que sequer os inimigos possam desdizê-la!

Esses são comentários que me ocorrem, como contribuição a uma obra que se revela *pensamento em processo*, *reflexão ao calor da hora* ou *ao correr da ação*, e compartilhamento corajoso e generoso: algumas vezes, de primeiras impressões; outras vezes, de acúmulos de leituras e alguma breve experiência; e outras, ainda, de ensinamentos fundados em profunda reflexão sobre muitos anos de práticas. Tudo isso é o livro que acabo de ler.

Meu sentimento final, “o gosto na boca” após a leitura desse conjunto de textos, é bom. O livro mostra a vitalidade de algumas abordagens críticas no campo da linguagem em nosso país; mostra a vastidão de cenários em que se tem experimentado fazer e refletir os processos de letramento; mostra a força multiplicadora de pensamento crítico de um bom número de universidades públicas brasileiras; e mostra, por fim, e não menos importante, essa disposição para expor e expor-se, que é condição do *que fazer* acadêmico.

Por fim, o livro é um libelo contra uma sociedade organizada de um modo que perpetua a exclusão, a injustiça e a violência con-

tra os pobres e, particularmente, contra os negros. É, por fim, um manifesto pela diferença, pelas minorias e pelas maiorias excluídas, pelos povos e seus saberes ancestrais.

ORGANIZAÇÃO

Rodriana Dias Coelho Costa

Edinei Carvalho dos Santos

Kleber Aparecido da Silva

REVISÃO

Oseas Bezerra Viana Júnior

Kleber Aparecido da Silva

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Estúdio Guayabo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Educação intercultural, letramentos de resistência e formação docente
[livro eletrônico] / Rodriana Dias Coelho Costa, Edinei Carvalho dos
Santos, Kleber Aparecido da Silva (orgs.). -- Campinas, SP : Editora da
Abralim, 2021. -- (Altos estudos em linguística)
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-68990-10-0

1. Educação 2. Educação intercultural 3. Letramento 4. Letramento -
Estudo e ensino 5. Práticas educacionais 6. Professores - Formação
I. Costa, Rodriana Dias Coelho. II. Santos, Edinei Carvalho dos. III. Silva,
Kleber Aparecido da. IV. Série.

21-81233

CDD-370.733

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Práticas docentes : Educação 370.733

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI 10.25189/ 9788568990100